

Maria Amália de Almeida Cunha



Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
amalia.fae@gmail.com

Juliana Batista dos Reis



Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
jubtr@yahoo.com.br

Priscila de Oliveira Coutinho



Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
prioliveiracoutinho@gmail.com

Submetido em: 12/06/2022

Aceito em: 05/08/2022

Publicado em: 31/08/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n35p134-151](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n35p134-151)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

ESCREVER PARA SABER SER: A AUTO-SOCIOANÁLISE COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

RESUMO

O artigo reflete sobre estudantes universitárias que conseguiram romper com inúmeras barreiras que dificultam uma trajetória de mobilidade social ascendente mas que, ao chegarem à Universidade, experimentam um sentimento de não pertencimento, além de viverem dificuldades para se apropriarem dos códigos exigidos pela instituição. Na disciplina sociologia da educação, ofertada para a formação inicial de professoras, trabalhamos com a auto-socioanálise, consistente na escrita de um diário de afiliação. O diário é tomado como objeto heurístico capaz de restaurar a capacidade narrativa de jovens estudantes e alcançar suas relações com o saber. Esta ferramenta revelou-se um instrumento poderoso para as jovens, capaz de levá-las à reflexão de sua *situação biográfica* e formá-las como professoras.

Palavras-chave: Sociologia da Educação. Ensino Superior. Formação de professores. Relação com o saber.

REGISTER TO KNOW HOW TO BE: SELF-SOCIOANALYSIS AS A TOOL FOR TEACHER GRADUATION

ABSTRACT

This article aims to turn our eyes to young university students who managed to overcome the countless barriers that hinder a trajectory of upward social mobility. For those who manage to reach the University, they experience a feeling that they do not belong to the place, in addition to experiencing countless difficulties in appropriating the new codes required by the institution. In the subject sociology of education, offered for initial teachers training, we worked with the self-socioanalysis approach, consisting of writing an affiliation journal, which is taken as capable of restoring the narrative capacity of young students, achieving their relationship with knowledge. This tool has proved to be able to lead them to reflect on their biographical situation and train them as teachers.

Keywords: Sociology of education. Higher education. Graduating teachers. Relations to Knowledge

ESCRIBIR PARA SABER CÓMO SER: AUTO-SOCIOANÁLISIS COMO HERRAMIENTA PARA LA FORMACIÓN DOCENTE

El artículo reflexiona sobre estudiantes universitarias que lograron romper numerosas barreras que dificultan una trayectoria de movilidad social ascendente pero que, al llegar a la Universidad, experimentan un sentimiento de no pertenencia, además de experimentar dificultades para apropiarse de los códigos exigidos por la institución. En la disciplina sociología de la educación, ofrecida para la formación inicial de docentes, trabajamos con el auto-socioanálisis, consistente en la redacción de un diario de afiliación. Se toma el diario como un objeto heurístico capaz de restaurar la capacidad narrativa de las jóvenes estudiantes y lograr su relación con el saber. Esta herramienta resultó ser un poderoso instrumento para las jóvenes, capaz de llevarlas a reflexionar sobre su situación biográfica y de formarlas como maestras.

Palabras clave: Sociología de la educación. Enseñanza superior. Formación de profesores. Relación con el saber.

1 APRESENTAÇÃO

O Brasil é um país conhecido pelas marcas da desigualdade social e a educação talvez seja o lugar onde essas marcas operam de modo mais visível. A expansão do Ensino Básico – uma conquista importante e relativamente recente, ao mesmo tempo em que aumentou o acesso das classes mais pobres à escolarização, transportou a barreira originária da desigualdade para os níveis mais elevados de educação (PEREIRA, 2021, p. 41).

A transição do Ensino Médio para o Ensino Superior no Brasil reflete uma desigualdade relativamente estagnada, uma vez que mais jovens têm concluído o Ensino Médio, ou seja, estão aptas a realizarem a transição de ingresso para o Ensino Superior, sem que, para tanto, este seja capaz de absorver o contingente de jovens que concluem a educação básica, tornando volumosa a proporção daqueles que não realizam essa transição.

Neste artigo, procuramos voltar os olhos sobre o seletivo grupo de jovens que conseguiu romper as inúmeras barreiras (de classe, origem, raça/etnia, sexo e gênero) que impedem uma trajetória de mobilidade social ascendente. As jovens universitárias¹ para quem se endereça esta análise estão representadas por aquelas que ultrapassaram a barreira da transição do ensino médio para o ensino superior. As reflexões incidem sobre a formação inicial de professoras em experiências educativas da disciplina sociologia da educação, com estudantes das licenciaturas².

Trata-se de jovens que ingressaram em uma Universidade Pública Federal e que passam por um imenso desafio, qual seja, afiliar-se ou aculturar-se diante de um novo universo social instituído, que implica o conhecimento de outras categorias de pensamento, bem como o domínio de novos códigos exigidos pelo letramento acadêmico, assim como um domínio da praticidade das regras, uma vez que na Universidade, as regras não são mais as mesmas, elas são mais sofisticadas, complexas, simbólicas e devem ser rapidamente aprendidas pelos novos estudantes (COULON, 2017).

¹ Para este artigo, utilizaremos o genérico feminino, pelo fato de termos apenas um jovem estudante do sexo masculino entre os diários analisados. Embora na norma padrão da língua portuguesa, o artigo masculino ainda cumpra o papel de pronome neutro universal, julgamos ser importante tensionar esse padrão, como forma de acompanhar a vivacidade da língua e suas variações, questionando um padrão que pode reproduzir determinadas discriminações, como aquelas de gênero, por exemplo.

² Os nomes das estudantes são fictícios e o uso dos diários foi autorizado por elas. As turmas da disciplina sociologia da educação são compostas por estudantes de quatorze (14) cursos de Licenciatura. Grande parte das alunas cujos excertos foram selecionados é assistida pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP) responsável pela assistência estudantil.

Este processo de aprendizagem, auto-evidente para alguns e misterioso para a maioria, requer um trabalho de explicitação das rotinas da vida universitária, do conhecimento de novos códigos, das novas regras e, para tanto, uma disposição para transformar a necessidade em virtude. Afinal, a entrada na Universidade coloca os sujeitos confrontados com a relação com o saber, “uma forma de relação com o mundo, que se caracteriza por ser, ao mesmo tempo, simbólica, ativa e temporal, definindo-a, assim nuclearmente como conjunto de significados e espaço de atividades, inscritos num tempo (CHARLOT, 2000, p. 78).

Segundo Pereira (2021), o acesso a este novo mundo foi possível em função da adoção de políticas públicas para a ampliação do acesso ao Ensino Superior. Em 2007, foi iniciado um plano de expansão das universidades públicas federais, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). O direcionamento de verbas para a rede federal possibilitou desde reformas estruturais até o aumento do número de vagas, sendo que para a adesão, as universidades deveriam apresentar propostas que atendessem a diversas diretrizes – como a ocupação de vagas ociosas e as reformulações curriculares (BRASIL, 2007).

Mesmo com a implementação de políticas cujo compromisso é garantir o acesso de jovens historicamente excluídas do processo de longevidade escolar, a chegada ao ensino superior não pode ser entendida como o acesso ao saber, o qual continua sendo desigualmente distribuído. As jovens que têm chegado à Universidade são, em sua maioria, aquelas que não dominam determinados saberes prévios cobrados pelas Instituições e que costumam ser responsabilizadas pelo fracasso, uma vez que estão entre as mais suscetíveis ao abandono e à evasão na Universidade.

Se há alguns anos era imperativo garantir o acesso desta população às Universidades, hodiernamente devemos pensar em estratégias e ações que contribuam para a sua permanência.

Após anos de experiência lecionando a disciplina sociologia da educação para os cursos de licenciatura na UFMG e, inspiradas pela leitura de dois livros em particular : *A Condição de Estudante* de Alain Coulon e *Pays de Malheur!*, de Stephane Beaud e Younes Amrani, nós, autoras deste artigo e professoras responsáveis pela disciplina *sociologia da educação*, pensamos como poderíamos colocar em prática, de modo mais eficiente, a vontade de ‘(...) transmitir aos alunos provenientes da massificação, as "chaves do sistema" e, portanto, de implementar uma pedagogia racional (BOURDIEU; PASSERON, 1964 apud KAPKO; LEMÊTRE, 2020, p.148). Ao mesmo tempo, estimular a imaginação sociológica na formação de professoras através da análise autobiográfica é

oportunidade de construir “nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros.” (hooks, 2013, p. 17).

Uma vez inscritas em um processo de afiliação institucional - ser estudante universitária - por meio de quais dispositivos as jovens universitárias podem refletir sobre sua ‘situação biográfica’ na Universidade e sua formação como professoras? A noção de situação biográfica, desenvolvida por Alfred Schütz (1979), abarca tanto os elementos estruturais que contornam o mundo intersubjetivo compartilhado com os outros quanto os aspectos singulares de uma biografia, compreendendo recordações, projeções baseadas no repertório de conhecimentos do sujeito, interpretações atuais sobre o mundo vivido. Ela é mobilizada, neste texto, para caracterizar esse momento específico de entrada na vida universitária, em que as estudantes esforçam-se para reconhecerem os aspectos relevantes do mundo que está ao alcance, mobilizando aprendizados anteriores mais ou menos conscientes. Esse pressuposto está afinado com a ideia, defendida por Charlot (2000), de que a relação com o saber se dá em situação, sendo, portanto, processual e dependente não somente dos contextos de aprendizagem, mas também das fases biográficas. Assim, mesmo os conhecimentos profissionais, técnicos e analíticos próprios a cada um dos campos acadêmicos demanda, para o seu aperfeiçoamento, de uma mobilização energética do sujeito, na qual o si mesmo é posto em atividade em direção a um valor e um sentido. A auto análise revela os recursos a serem mobilizados naquele momento da vida, colaborando tanto para reflexão sobre quais valores são fundamentais quanto para a compreensão de como construir sentido, ou seja, como operar, dentro de um sistema -o acadêmico- de maneira a produzir inteligibilidade na relação com os saberes específicos e com aquele novo universo de relações pessoais.

O privilegiamento analítico das especificidades biográficas para compreensão das desigualdades educacionais, das estratégias escolares e acadêmicas, dos constrangimentos estruturais e das contingências que intervêm nos percursos individuais encontra expressão em uma série de pesquisas que vêm sendo elaboradas no Brasil desde o início dos anos 2000 (PORTES, 2007; VIANA, 2007). Grande parte delas têm se debruçado sobre o tema da longevidade escolar, analisando ‘destinos improváveis’ de jovens provenientes de classes populares. Estas investigações chamam a atenção para o acometimento de um sentimento frequente de ‘não lugar’, da sensação que as jovens manifestam de sentir-se um peixe fora d’água, dentro d’água (VIANA, 2007), bem como a difícil transição que marca o processo de afiliação a uma dinâmica institucional cujos códigos e valores se encontram culturalmente distantes do mundo natal de muitos jovens que chegam à Universidade Pública. Afinal, há uma nova relação com o saber que

"implica sempre a renúncia, provisória ou profunda, de outras formas de relação com o mundo, consigo e com os outros" (CHARLOT, 2000, p. 64). Ribeiro e Schlegel (2015) analisaram essas desigualdades dentro de um mesmo estrato educacional, não mais com o foco vertical da transição. Nesse estudo, discutem como a expansão do acesso ao Ensino Superior tem migrado as desigualdades para um âmbito qualitativo, com camadas populacionais privilegiadas mantendo suas vantagens em aspectos como a qualidade da instituição, a duração dos cursos e até mesmo o círculo social, o convívio com os colegas de classe também privilegiados, por exemplo. (RIBEIRO; SCHLEGEL, 2015).

Isto porque grande parte das famílias de classe média tende a investir desde cedo na preparação de seus filhos para o ingresso em instituições de maior prestígio, representadas principalmente pelas universidades públicas, federais e/ou estaduais (PEREIRA, 2021). Este grupo é aquele que também mantém há várias gerações o poder de sustentar um discurso sobre si mesmo, de construir uma representação de si mesmo e da própria existência de acordo com as exigências sociais e institucionais, refletindo, portanto, um *capital biográfico* que, por sua vez, não é distribuído de maneira equitativa (DELORY-MOMBERGER, 2021).

Para os 'excedentários', como denominava Robert Castel (2010), ou seja, para as pessoas que vivem situações limites de desafiliação, consumidas pela pobreza e pela precariedade da vida, o discurso sobre si mesmo se distancia do domínio dos códigos hegemônicos da narrativa pública:

A forma como a narrativa é recebida, por meio dos efeitos pessoais e públicos que produz, coloca diretamente em jogo um conjunto de modalidades de *reconhecimento*, tal como Axel Honneth as reconheceu: da *autoconfiança* mediante o amor que as pessoas esperam dos mais próximos, do *respeito* via pertencimento a uma comunidade de membros iguais em direito, da *autoestima* enquanto sujeitos capazes de contribuir para a vida comum por meio das suas práticas, (HONNETH, 2000). Por ser ao mesmo tempo a trama de uma identidade pessoal singular, o lugar onde se formam filiações socialmente identificáveis e o instrumento desigualmente compartilhado de um posicionamento na sociedade, a narrativa de si é sempre e indissociavelmente parte de uma tripla busca – afetiva, jurídica, social – a partir da qual um sujeito reivindica ser reconhecido. Mas é também, no contexto de tudo o que ele cristaliza e para o qual ele mesmo é a aposta, que a narrativa de si é exposta a todas as feridas da dignidade e do reconhecimento. (DELORY-MOMBERGER, 2021, p.12)

Este artigo tem como objeto apresentar e analisar um recurso pedagógico que pretende restaurar a capacidade narrativa de jovens estudantes cujo capital biográfico as coloca em uma situação de desvantagem na Universidade. Defendemos que a produção de diários de afiliação, embora seja um instrumento modesto de avaliação, abre janelas interessantes na perspectiva da socioanálise e, junto com ela, um trabalho documental e reflexivo da parte das estudantes Trata-se de recurso que reconecta as alunas às suas

experiências, criando mecanismos capazes de levá-las à reflexão de sua *situação biográfica* e formá-las como professoras reflexivas. Os textos selecionados e as discussões em sala de aula colaboram para a produção de recursos intelectuais e “dispositivos mnemônicos” (SCHÜTZ, 1979) que capitaneiam o fluxo de lembranças a serem elaboradas textualmente. As práticas educativas construídas com estudantes de cursos de licenciatura de uma universidade pública federal, no âmbito da disciplina sociologia da educação, tem se mostrado exitosa no uso das experiências de vida no trabalho intelectual. Wright Mills (2009, p. 22) sugere “mantenha um diário”, um arquivo onde o “artesanato é o centro de você mesmo”, os relatos pessoais são imprescindíveis para o desenvolvimento da imaginação sociológica.

O processo de escrita do diário não é simples, pois a aluna se apropria desta tarefa ao longo do semestre, tomada por sentimentos difusos como o estranhamento, o medo, o desafio de falar a respeito de si, até chegar ao reconhecimento acerca da importância deste exercício de auto-socioanálise para formalizar o passado, refletir sobre o presente e prospectar o futuro. A auto-socioanálise pode ser definida como a auto-objetivação das próprias disposições e crenças sobre essas mesmas disposições, sendo uma ferramenta pedagógica típica da sociologia. Ao longo do *cursus* escolar, as alunas são raramente convidadas a fazer um exercício de retorno sobre si mesmos, com vistas a uma iniciação prática ao raciocínio sociológico (KAPKO e LEMÊTRE, 2020, p. 148).

« Diário de afiliação » é, pois, em resumo, o nome dado ao exercício de reflexão que as alunas devem elaborar como parte do processo avaliativo (trabalho final do semestre), em que aspectos da sua trajetória biográfica (escolar, sobretudo) e sua experiência na Universidade são evocadas. Designa um trabalho de autorreflexão instigado pela escrita de sua trajetória escolar e de sua experiência inicial na universidade. Este trabalho é a última etapa de um processo que tem início com as primeiras discussões a respeito da relação entre biografia e sociedade e os processos de socialização que moldam as experiências dos indivíduos, temáticas vitais à formação docente.

Seguindo um pouco os passos de Alain Coulon (2008), trabalhamos o meio social de origem, a trajetória escolar, a escolha da universidade, o aprendizado na universidade, a relação com o tempo, entre outros. O empreendimento de Coulon, por meio da etnometodologia, é compreender os fenômenos sociais através de um raciocínio sociológico prático, uma vez que todo o ator social comum possui a capacidade de analisar o mundo em que vive, com suas incessantes interações e sua inteligência do social (COULON, 2017) ou nas palavras de bell hooks (2013, p. 27), “buscando não

somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo”.

Assim, através de uma escrita metódica e intensiva, a estudante de licenciatura é convidada a desnaturalizar a sua trajetória, convertendo o mundo natural e evidente em que foram socializadas em um mundo enigmático e problemático. O exercício de auto-socioanálise permite, pois, desconstruir as noções do senso comum para transformá-las em compreensão sociológica.

Nos tópicos seguintes, apresentamos um conjunto de trechos destacados de diários redigidos entre os anos de 2019 a 2021. Os excertos foram retirados de diários cujo número de páginas era bastante variado, tendo no mínimo quatro (4) e no máximo sessenta (60) páginas.

2 O DIÁRIO COMO DISPOSITIVO DE AUTO-SOCIOANÁLISE

Segundo Kapko e Lemêtre (2020), a sociologia, sobretudo a partir da ancoragem nos estudos de Pierre Bourdieu, teria realmente o poder de "desmaterializar" o mundo social. Desnaturalizaria a necessidade, mostrando que este é o produto das relações sociais. O papel da socióloga seria, portanto, gradualmente, levar os "agentes" a objetivarem sua posição, entenderem seu "habitus" e, se necessário, "atribuírem seu sofrimento a causas sociais" (KAPKO e LEMÊTRE, 2020, p. 149). Nesse sentido, o diário da estudante Marina destaca:

Esse não é o que eu chamaria de diário e sim um caderno de desabafo. Ao revisitar memórias sobre minha trajetória na universidade, tanta coisa mudou, tanto eu fui e continuo sendo, mas hoje em especial, sempre naquele momento pré-finalizando o semestre, me pego naquela ansiedade que aflige o peito e tudo que eu tenho é vontade de chorar e desistir. Desde o início eu me sinto incapaz, estou sempre buscando validação, e o que eu consigo é média, um RSG³ 4, alguma coisa em seis semestres e eu ainda não me sinto bem, não me sinto suficiente. A busca por validação, publicação, reconhecimento mínimo que seja, talvez é o epicentro da minha vida, eu sempre busquei e a sociologia me conforta nesse sentido porque acho que nós, seres sociais, buscamos, em algumas instâncias da vida e cada um tem uma insegurança pra trabalhar em relação a isso. Minha aflição hoje é que essa insegurança aumentou muito por causa da academia, nunca me senti como alguém que domine o tema, que aprendeu o suficiente, que sabe estudar. Sinto hoje que eu nado, nado, nado e vou morrer na praia, espero que passe logo. Outro dia na aula pensei nas oportunidades que já perdi e continuo perdendo por fazer tudo errado, não perguntar, não fazer terapia, ter vergonha de mostrar, não ter vergonha de mostrar, e penso que eu continuo perdendo. É muito louco esse processo, boto fé que é pessoal, às vezes eu tento não sentir tanto, mas as vezes é impossível. Sei das minhas condições da pessoa que carrega privilégios por estar e ter tido a oportunidade de poder ter chegado

³ RSG é o rendimento semestral global calculado a partir da média ponderada das notas obtidas nas disciplinas e atividades. A nota costuma ser considerada em processos de seleção para bolsas acadêmicas, intercâmbios e iniciação científica.

aqui, mas é um fardo também. Não é certo pensar, quando eu me livrar disso, eu imagino, quando eu formar, a maioria dos meus colegas pensam assim, eu acho que como aquele texto que expôs que os jovens faziam faculdade por obrigação, pressão familiar, a gente quando deixa de aproveitar a jornada, se encantar, e vira tudo frustração, deve rever se está fazendo certo. Eu quero me livrar do peso de não ser boa o suficiente, mas pra isso eu preciso ser boa o suficiente antes, e me desculpa se a escrita é confusa, mas é que saiu desgovernado como o que eu estava sentindo. (Marina - Ciências Biológicas)

O tema da vergonha é frequentemente evocado nos diários de afiliação. Sendo um conjunto complexo de afetos, emoções, fantasias, reações e experiências que se amalgamam, é por isso denominado de meta-sentimento por Vincent de Gaulejac (2003). Embora seja facilmente identificável por quem o experimenta no momento mesmo em que acontece, dada sua força emocional, a determinação de suas causas é dificilmente apreendida. Por um lado, o sentimento de vergonha pode envolver aspectos estruturais (ligados à condição de classe, por exemplo) situacionais, interpessoais e intrapessoais. Por outro, costuma guardar uma relação estreita com segredos, omissões e mentiras. Para esse primeiro conjunto de características, a objetivação sociológica se mostra bastante útil. Assim, a vergonha por não falar uma língua estrangeira, por exemplo, pode ser elaborada e amenizada com a ajuda de explicações das ciências sociais acerca da herança cultural. No caso do segundo grupo de questões, um segredo revelado num diário a uma professora de sociologia, capaz de compreender as perturbações pessoais a partir de sua relação com problemáticas mais abrangentes, sensível a uma compreensão da trajetória pessoal conectada com questões sociais, hábil, portanto, a operar um distanciamento zeloso que beneficia a confissão na medida mesma em que suspende o julgamento banal, incentiva a autoanálise e seu efeito terapêutico. É nessa chave de leitura que podemos compreender o “desabafo” de Marina na relação comunicativa com a professora. A proposta é fazer encarnar os conceitos na experiência sensível dos estudantes para os tornar atores de seus aprendizados (LETOURNIEUX et. al, 2020), cujo resultado pode culminar em um processo de requalificação da experiência da aluna e do trabalho de ensino.

Ainda que a escrita reflita a produção de efeitos não objetivos, pela impossibilidade de mensuração, seus efeitos marginais e concretos revelam que partir da experiência das alunas para se chegar à formalização de seu lugar na Universidade e também do nosso papel como professoras é parte do processo do ‘conhecimento poderoso’ aludido por Michael Young (2007). A poesia de Patrícia, estudante de Letras, revela a “paixão da experiência” que consiste em “um modo de conhecer que muitas vezes se expressa por

meio do corpo e o que foi profundamente inscrito nele pela experiência, englobando muitos sentimentos, mas particularmente o sofrimento.” (hooks, 2013, p. 124).

*O desmemoriado tem bom relacionamento com a inventividade
Tece por retalhos
Cria nos vazios
Assim, ele mesmo não cai no esquecimento
O inconsciente, por sua vez, vagando golpeia o erro ou o trauma espiralando a vida na forma de pistas
Enquanto isso, você crê que se faz gente
Quando já não há substância no corpo e, não há provas que haja, existe apenas a própria experiência
Ela te conhece mais do que você a conhece
De tanto pensar
Querendo existir
Ou desaparecendo
Talvez seja o ponto final sua única certeza
Consequência maior disso é que, sem ritualística alguma, define-se o local de findar o movimento
(Patrícia - estudante de Letras)*

Nesse convite a uma socioanálise por meio do diário, incentivamos o exercício de alguma liberdade expressiva. Acreditamos que essa liberação momentânea do regime de escrita acadêmica pode beneficiar a apresentação de questões íntimas, mas não no modo da pura confissão, e sim no registro da articulação entre os elementos que as estudantes possam perceber diretamente (quem são, de onde vêm, o que viveram, o que pensam) com a maneira pela qual a sociologia as analisa. A finalidade do exercício, como nós o entendemos, não é de neutralizar o sentido vivido, mas de lhe dar uma ressonância sociológica. Os excertos abaixo, do diário de Ana Terra, expressam esses movimentos:

Por fim, penso muito em como a trajetória acadêmica é muito menos uma estrada pavimentada do que é um caminho torto, cheio de curvas perigosas e uma quantidade enorme de obstáculos. Penso em como, me sinto, na altura dos meus 22 anos, no meio da escalada de uma montanha íngreme, enxergando apenas a parede rochosa a 15 centímetros dos meus olhos e incapaz de tomar distância e ver a paisagem por inteiro. (Ana Terra- estudante de Letras)
Com o caos que a pandemia trouxe, me vi, subitamente, trocando uma rotina em que eu saía de casa às 6 horas da manhã da faculdade e, entre estágio e disciplinas matutinas e noturnas, voltava apenas às 23h, para uma nova rotina em que eu passo quase o dia todo entre as quatro paredes de casa. Essa situação me colocou de castigo, num lugar de reflexão que eu não tinha tido a oportunidade — ou o tempo — de viver. Diante disso, me vi questionando a minha escolha da universidade, essa mesma que me encheu de tanto alívio e orgulho 4 anos antes. (Ana Terra - estudante de Letras)

O trabalho em sala de aula gira em torno de discussões coletivas sobre textos considerados capitais para momentos reflexivos, cujos aportes permitem um aprofundamento na análise de trajetórias sociais que, por conseguinte, podem acompanhar a futura condição docente. É a leitura de textos prévios que oferece um arcabouço conceitual e dilemático para que as alunas iniciem o trabalho de auto-socioanálise. O curso se estabelece, sobretudo, a partir de uma coleção de textos que ilustram as várias maneiras de se pensar a relação entre a abordagem biográfica e os

processos de socialização que marcam as experiências individuais e está estruturado em três grandes temas: os processos de socialização de acordo com as origens sociais, familiares e identidades das estudantes; a relação com a escola e a trajetória escolar a partir da vivência na Universidade.

Início o diário pensando a minha biografia, o meu contexto social, os processos de socialização e a minha trajetória escolar pregressa. O objetivo é tentar contextualizar a minha existência e os meus relatos. Como é dito por Christine Delory-Momberger em diversos textos, inclusive o *Da condição à sociedade biográfica*, lido na disciplina, essa condição de ser humano e de interagir com o ambiente já é uma condição biográfica, nesse sentido, este diário servirá, sobretudo, para essa inscrição das minhas experiências, decisões, pensamentos e modo de enxergar essas coisas. (Gustavo - estudante de Letras)

3 DIÁRIO DE AFILIAÇÃO OU DE AFLIÇÃO?

Por que é importante entender a si mesma para entender o mundo? O relato, a narrativa e as histórias de vida podem ser consideradas como um projeto de "antropoformação" ou seja, como um projeto de formação humana. Partimos aqui de uma questão primordial: é possível viver sem estar configurado em uma história, sob a forma de um relato, os acontecimentos que nos acomete ao longo de nossa existência? Para Delory-Momberger, a própria condição humana é uma condição *biográfica*: "nunca deixamos de nos *biografar*, ou seja, de inscrever nossa experiência em padrões temporais orientados que organizam mentalmente nossos gestos, nossos comportamentos, nossas ações, de acordo com uma lógica de configuração narrativa" (2021, p.4). Esta atividade de *biografização* poderia ser definida como uma dimensão do pensar e agir humano.

Segundo Breton (2020), *temporalidade e relato de si* são duas dimensões da atividade biográfica. Fazem parte da característica comum da experiência humana, onde o tempo figura como um elemento fundamental. "Construir um relato da sua vida é, em efeito, configurar a experiência vivida sob a forma de uma experiência que pode ser recontada, de forma escrita oral, a partir de acontecimentos passados cujos sentidos e ligações se encontram colocados em exame novamente" (BRETON, 2020, p. 45). O sentido do tempo e da experiência se reintegram em uma trama narrativa e o relato de Ana, estudante de Letras, preconiza essa dinâmica: "Espero que, com o tempo, eu consiga ver a imagem completa, a paisagem inteira, e entender, pelo menos, qual é o meu papel dentro de tudo isso."

A expressão de si em primeira pessoa é compartilhada com um coletivo, permitindo que as experiências sejam pensadas de modo dialógico. Assim, o que é falado por uma pessoa, é entendido tanto na singularidade de uma história como naquilo que o relato

revela de condição humana e biográfica (BRETON, 2020, p.23). Do mesmo modo, a imaginação sociológica viabiliza a tarefa e a promessa de apreender história e biografia e suas relações. (MILLS, 2009)

E afinal, o que significa *afiliar-se*? Coulon (2008) retrabalha este conceito a partir da etnometodologia, corrente da sociologia americana desenvolvida a partir da década de 1960. A etnometodologia se caracteriza como uma inovação na concepção teórica dos fenômenos sociais. Analisa os métodos, os procedimentos que os indivíduos utilizam para concretizar as diferentes operações que realizam em suas vidas cotidianas. Não deixa de ser uma *espécie de raciocínio sociológico prático*, ou seja, o estudo do que as pessoas sabem sobre o que elas fazem e sobre as consequências de suas ações.

Para Coulon (2008), tem sucesso a estudante que se afiliou. Afiliar-se é naturalizar e incorporar práticas e o modo de funcionamento correntes na Universidade que antes não faziam parte dos hábitos das novas estudantes. Para investigar o processo de afiliação, Coulon inspira-se em Van Genep (2013), para quem os rituais faziam parte da dinâmica da vida. Assim, é importante entender os ritos de iniciação que marcam a passagem de um estatuto social a outro, identificando três momentos:

Fase da separação/estranhamento: o iniciado é separado fisicamente do antigo grupo a que pertencia:

Por fim, agradeço muito pela oportunidade de cursar essa disciplina tão rica. E obrigada pela atenção a esse conjunto de páginas que mostram o mesmo fluxo de consciência de uma estudante de Letras perdida. (Ana Terra - estudante de letras)
Meu nome é Adriana e nasci em 1995 em Belo Horizonte. Não sabia se deveria começar esse texto dizendo meu nome, ou se deveria partir para as experiências em si. Mas tenho aprendido que dizer meu nome pode me ajudar a me afirmar enquanto um indivíduo então, aqui está: me chamo Adriana. Hoje tenho 26 anos, e há mais ou menos 9 estou envolvida no contexto universitário. Porém, apenas nesse ano estou vivenciando a oportunidade de concluir minha graduação, mesmo tanto tempo depois do meu ingresso na UFMG. Isso porque minha trajetória nesse espaço não foi linear, e sim repleta de idas e vindas, desistências e persistências, partidas e retornos. (Adriana - estudante de Letras)

Fase de ambiguidade/aprendizagem: o iniciado vive dolorosamente a ruptura com o passado e a inexistência de um porvir. É o momento de aprender:

A experiência de escrita desse diário, ou talvez melhor dizendo, desse relato, foi muito desafiadora, pois é trabalhoso ter que pensar em toda minha trajetória e tentar racionalizar tudo que aconteceu. Mas ao mesmo tempo esse exercício me ajudou a ver o quanto cada etapa do meu processo de afiliação à universidade foi relevante para que eu chegasse ao ponto que me encontro agora. Me reencontrar, mesmo que seja em lembranças, com a pessoa que eu era e que ingressou na universidade aos dezoito anos, me causa certo desconforto, porque depois de tantas mudanças, eu não consigo mais me identificar com aquela adolescente. Mas ao mesmo tempo enxergo que eu fiz o que consegui no momento e isso contribuiu para que eu chegasse até aqui e me sentisse parte integrante da universidade e reconhecesse o quanto esse espaço contribuiu para o meu crescimento, mesmo com todos os desafios. Estando perto da conclusão do curso,

sinto que um ciclo iniciado há alguns anos se fecha. Mas consigo vislumbrar também que novos ciclos se iniciam. Está no horizonte, talvez sempre tenha estado, mas agora eu consigo claramente ver” (Adriana - estudante de letras).

Fase de agregação/afiliação: quando o iniciado renuncia a seu antigo grupo de pertencimento e seus valores para passar ao novo grupo: ele se tornou estudante.

Por fim, entendo que essa forma de se entender enquanto professor e estudante da UFMG é uma forma concretizada do processo de afiliação. Ou seja, de todo esse caminho que tenho andado desde a entrada na universidade, dessas novas formas de se entender e se auto identificar, tudo isso faz parte do sucesso do processo de afiliação que estou vivenciando. Acredito que estou conseguindo ser um estudante de ‘sucesso’, se pensarmos no que Alain Coulon trabalha como sucesso em seu texto *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*, sendo essa naturalização dos hábitos e vivências da faculdade, vivências que não faziam parte dos hábitos desse estudante anteriormente. Na verdade, creio que esse processo se realizará muitas outras vezes na minha vida, mas nunca como está sendo, da forma especial e enriquecedora como tenho sentido, inclusive, por experiências como essa, a de relatar sobre a minha existência e as minhas experiências, principalmente, da forma como tenho feito: todas às sextas-feiras após as suas aulas. Muito obrigado! (Gustavo - estudante de Letras)

A afiliação constrói um *habitus* de estudante que a insere em um universo social e mental com referências e perspectivas comuns, com a mesma maneira de categorizar o mundo. Desta forma, a aluna poderá construir um ‘diário de afiliação’ de maneira livre, com entradas datadas sistemáticas ou irregulares, narrando os acontecimentos marcantes da sua vida e que se relacionam ou podem se relacionar com a disciplina, como por exemplo, sua biografia, sua trajetória escolar pregressa, os processos de escolarização vivenciados no decurso da vida, a escolha da profissão, etc.

Após quase dois anos da minha entrada na universidade, me deparei com uma situação interessante e desafiadora: a escrita de um diário de afiliação. É interessante pois, como o próprio enunciado do trabalho afirma, a narrativa e as histórias de vida podem ser consideradas como um projeto de formação do homem, de modo que, a reflexão sobre as situações vividas a partir dos conceitos apreendidos na disciplina, claramente vai me auxiliar a incrementar a formação individual. A escrita do diário é desafiadora pois, apesar de simples, estou me colocando em situação de reviver momentos que foram confusos e até desconfortáveis para mim, e que serão lidos por outra pessoa. Apesar do desafio, me comprometo a escrever com sinceridade os momentos, tentando expressar não só os acontecimentos, mas também como passei por eles. (Luara- estudante de Letras)

A possibilidade de encarar a instrumentalização do conhecimento de si como finalidade e como ferramenta de conhecimento do mundo chama imensamente minha atenção, pois me traz à mente duas passagens do texto de Audre Lorde que dizem da necessidade de ensinar a partir da vivência e da importância de falarmos sobre o que conhecemos antes de falarmos sobre aquilo que compreendemos ou talvez almejamos compreender. (Patrícia - estudante de Letras)

Ela traz essa questão ao falar sobre a necessidade de rompermos ciclos de silêncio ou silenciamento conspícuos. Pensar o silêncio me toca diretamente enquanto aluno ao perceber como ele marcou minha trajetória acadêmica. Por isso, quando também Lorde fala sobre transformar o silêncio em linguagem e ação e, aliado a isso, sobre a possibilidade de transpormos os medos olhando para eles objetivamente, me pergunto: aprender dói? (Patrícia - estudante de Letras)

O dispositivo de auto-socioanálise, por meio da escrita de um diário, parece cumprir a função de libertar as alunas de uma leitura naturalizante da sua própria trajetória, bem como desconstruir as representações da meritocracia escolar. O desafio é fazer com que compreendam que as possíveis dificuldades que elas encontram ao ingressar na universidade ou que encontraram anteriormente não decorrem de características estritamente individuais, mas de um contexto histórico e social e provisões adquiridas durante a socialização. A auto-socioanálise assim realizada deveria, portanto, levá-las a concluir que “não nascemos estudantes” (KAPKO e LEMÊTRE, 2020, p.149 e 150).

Nasci numa família pobre (sem a menor necessidade de ‘eufemização’ da palavra) e sou filho de mãe solteira. Durante a minha infância passei por muitos momentos em que escutei histórias muito duras sobre a realidade da minha família. Dentre as narrativas e temas vivenciados, a fome e a falta de acesso à educação sempre me chamaram a atenção. (Gustavo - estudante de Letras)

Dado o exposto, é imprescindível pensar a minha socialização como uma pessoa que sempre morou em comunidades e sempre frequentou o ensino público. Me identificar como uma pessoa periférica e que morava em favelas sempre foi muito complicado, mesmo estudando em escolas públicas de regiões periféricas, assumir que se mora em determinado ‘beco’ sempre foi um ponto de sensibilidade. Inclusive, quando, aos 14, deixei de morar em casas localizadas em becos, esse assunto adormeceu um pouco. (Gustavo - estudante de Letras)

Não sou capaz ainda de dizer com precisão se o que quero nomear seja realmente a dor, mas da minha dificuldade de falar em sala de aula e da vontade de querer ser uma professora de alunos que não têm esse medo comecei a buscar alternativas comunicativas e outras formas de estar e produzir mundos (Patrícia - estudante de Letras)

Acho estranho a ideia de escrever, ainda é recente para mim desabafar no papel, ou me expressar através da escrita. Nunca tive disciplina de manter um diário, nunca tive disciplina de ler metodicamente, não posso dizer que não gosto, na verdade não fui habituada mesmo. Mas se for fazer uma leitura da minha trajetória, eu sempre me senti pouco em relação ao que poderia ser, a mim mesma e aos outros, parece que a gente sempre deveria saber mais, fazer mais. Essa comparação de desempenho/ capacidades/ oportunidades foi sempre algo inerente ao meu lugar social, enquanto uma mulher negra que cresceu na casa dos patrões da minha mãe e criou uma relação de afeto com eles e com a família deles, eu me habituei à comparação. (Mariana - estudante de Ciências Sociais).

4 CONTINUE A NADAR!

A prática reflexiva da escrita também colabora para a inserção das alunas em uma nova cultura da vida universitária, em que são cobradas, insistentemente, determinados saberes prévios, como o letramento acadêmico, fonte de sofrimento e angústia para muitas. Segundo Kapko e Lamêtre (2020, p.151), a iniciação em um novo mundo, muitas vezes distantes do seu mundo natal, leva as alunas a compreender, pouco a pouco, “que

esses pré-requisitos estão localizados socialmente e que o relacionamento deles com a leitura resulta de sua socialização anterior.”

Com base nessa análise, elas poderiam então racionalmente apreender as injunções da vida e, junto com elas, as barreiras quase que diárias que devem enfrentar para desafiar o destino. Uma possibilidade que a escrita do diário traz é uma forma de treinamento metódico e intensivo, suscetível de transformar progressivamente suas disposições.

Ao tomar a auto-socioanálise como uma abordagem que consiste em tomar-se a si próprio como um objeto e distinguir uma trajetória, conferindo-lhe uma dimensão coletiva, apostamos no postulado da reflexividade como dimensão libertadora e restaurativa, que acredita que um melhor conhecimento de si e de seu lugar no mundo social é uma força que transforma:

É preciso começar. Sim, e todo começo exige a urgência da primeira palavra, a que veio antes da luz, para ancorar o desenrolar de uma escrita. Me sinto provocada pelo convite do diário de afiliação, ao mesmo tempo apreensiva com como vou fazer do texto um registro das experiências que se tornaram memórias. A escrita marcada pela subjetividade, traço indissociável do diário de afiliação, me intimida na mesma medida que me convoca a repensar os acontecimentos da vida que me trouxeram até aqui, a revisitar memórias, cheiros... a aprender a escrever Eu. Em meio a turbilhões de representações que consigo acessar apenas nesse pequeno ensaio-de-dizer, há, contudo, um farol de sinalização que mira a luz em um assunto específico, delicado, e presente na minha subjetividade desde que conheço a consciência: minha vivência na escola. Mas não consigo dizer sobre isso sem antes dizer de mim (Luara - estudante de Letras)

Seus efeitos, traduzidos por meio da escritura dos diários, podem reverberar no relacionamento das alunas com o mundo, mas, sobretudo, na forma de relacionamento consigo mesmas, adotando uma postura mais generosa com seu passado e maior lucidez sobre o seu percurso, tanto no presente, quanto no futuro.

Ainda com Audre Lorde, entendi minha escrita como instrumento empoderador, e com Carl Rogers, vi na escuta a possibilidade de propiciar a construção de autoestima e conhecimentos positivos sobre si. E, o que é a sala de aula se não um local para a escuta, a fala e a escrita? E, acredito eu, todas elas são caminhos para o rompimento de silêncios. Porque o aluno que fala sobre o que conhece já transforma o conhecimento pela linguagem, da mesma forma o professor que escuta contribui positivamente para as muitas reconstruções da identidade que a criança e o adolescente passam durante o período escolar da educação básica. Esse aluno munido de fala e das abordagens pedagógicas daquele professor pode, então, escrever. (Patrícia - estudante de Letras)

Continue a nadar!

Quando criança, ao aprender a falar, dizem que repetimos. Começamos por pequenos grunhidos de aquecer e alongar as cordas vocais, até as primeiras sílabas cambaleantes que caem em pé como a chuva e formam palavras gotejantes. Em certo momento nos vemos, por fim, em um rio de palavras. Nem tudo faz sentido. Embora, tudo se pareça com espelho d'água. Onde me vejo e lembro: todos já nascemos sabendo nadar! (Patrícia - estudante de letras)

Mais tarde, depois dessa infância repetidora e depois do dia passado na escola, dou braçadas entre palavras que fazem minha mãe se perguntar: de onde saiu tal vocabulário? Foi da boca da professora, da boca do livro. Não sei quem come o

que. Do que tem gosto. Se é justo o apetite que me faz falar ou, ao contrário, a saciedade, produto final da palavra. (Patrícia - estudante de letras)

Diluídos no assunto, as palavras que penso e escrevo já têm sentido maior que a soletração. Mas ainda me preocupa o tamanho dos nomes. A abelha que em letra é grande, me pega de surpresa quando pela primeira vez me atrevo a escrevê-la. Busco na memória qualquer correspondência e me vejo dormindo tranquila ainda só um bebê quando ela, uma pequena abelha, entra na minha fralda. Pense bem, tem de ser muito pequena para tamanha travessura. Por isso, lhe piquei no caderno em uma sílaba só. Entendo agora que foi para mim um ato de revanche. Mas na palavra essa tal dona abelha é bem maior. Ora, sem ela não há natureza. (Patrícia - estudante de letras)

Ah a natureza... Essa sim é uma palavra que não caberia em folha nenhuma. Nem em uma colada na outra e em outra e em outra. Mas ao mesmo tempo cabe em tudo, desde a poeira até o espaço. E menciono o espaço porque agora flutuando por ele, acabo adormecendo tão rápido que me desperto pela manhã com a maior das ideias. - Professora, porque na escola não nos dão aulas ensinando a voar? Ela disse que não saberia ensinar. Mamãe disse o mesmo. Mas quem me disse outra coisa foi minha avó. Disse para que eu não me apresse a aprender todas as coisas do mundo, se não envelheceria muito rápido e logo já não enxergaria muito bem. (Patrícia - estudante de letras)

Fiquei triste pela primeira vez, me pareceu que nem tudo é possível. Meu único refúgio foi escrever, só não escolhi ainda uma palavra boa o bastante para significar que todos possam voar. Descobri que as palavras são mais água do que vento. Não precisam ser tão grandes para criarem tudo. Ah... pena ser ainda muito novo pra ser velho. Ao menos todos já nascemos sabendo nadar! (Patrícia - estudante de letras)

A escrita biográfica e autobiográfica, presente no exercício da escrita diarística, encontra-se no centro da reflexão sobre os processos de socialização. As reflexões biográficas de Patrícia revelam o silêncio como experiência marcante em seus processos socializadores escolares. A água, como metáfora da palavra, acompanha os escritos biográficos de Patrícia. O imperativo “continue a nadar!” ou em outros termos, “continue a expandir a palavra” - pela fala, escuta e escrita – foi um princípio pedagógico dos diários de afiliação que pode reverberar na atuação docente das futuras professoras. Esta ferramenta permite, a nosso ver, pensar nos fenômenos sociais por meio da reconstrução fina e precisa das disposições de um indivíduo e, desta forma, analisar o social sob a forma individual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conquistar uma vaga em uma Universidade Pública representa para muitas jovens o rompimento com uma dinâmica persistente de reprodução das desigualdades sociais. Ingressar em um novo mundo de práticas e regras envolve um ritual de separação (perda das referências anteriores); ritual de margem (período doloroso, marcado pela insegurança e distância do passado e medo do porvir) e, finalmente, um ritual de afiliação (quando a estudante assume um novo *habitus*, ultrapassando a soleira da fase incerta e

desconhecida, para assumir um novo papel, uma nova cultura, sofisticada e complexa, marcada pelas experiências da vida universitária (COULON, 2008).

Nossas experiências com o dispositivo pedagógico do Diário como instrumento de auto-socioanálise têm nos revelado a importância da escuta ativa, da prática compartilhada em sala de aula de uma auto-análise assistida, que não somente convida mas que encoraja a estudante a passar por um trabalho de explicitação, frequentemente doloroso e gratificante, anunciado com uma extraordinária intensidade expressiva de experiências e de reflexões há muito tempo guardadas e reprimidas, como nos lembra Bourdieu (1991) acerca da riqueza da socionálise. Os diários de afiliação explicitaram diferentes formas de relação com o saber que se entrelaçam às histórias de vida das jovens estudantes. A reflexão autobiográfica na formação docente envolve a contemplação que “aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si” (CHARLOT, 2000, p. 72).

A socioanálise tem por função lembrar a condição social da autora do discurso e aquilo que ela produz, sua trajetória, sua formação, suas experiências profissionais e esclarecer, à luz de todas essas informações, tudo aquilo que é anunciado ou não, buscando traduzir por vezes o silêncio, os subentendidos, os lapsos, a linguagem do corpo, os olhares, gestos, etc. (BOURDIEU, 1991). É o que nos permite perceber as informações a partir da realidade onde elas são produzidas, apreender o mundo social através do ‘olhar sociológico’ ou simplesmente, compreender. Para o autor, a socioanálise pode ser vista como um saber construído pelas ciências sociais para servir de mediação na reflexão que o sujeito produz sobre ele mesmo: quanto mais o indivíduo toma consciência do social no interior dele mesmo, assegurando um exercício reflexivo de suas categorias de pensamento e de ação, menos ele tem chance de agir pela exterioridade que os habita.

A escrita do diário não deixa de ser uma peça do mosaico científico (BECKER, 1993) ou do artesanato intelectual (MILLS, 2009) que constitui as histórias de vida e os estudos biográficos. Os diários de afiliação das estudantes de licenciatura confidenciaram diferenças, desigualdades, experiências singulares e coletivas, estrutura social e intimidade. A atitude reflexiva, analítica, produz mediações simbólicas na relação consigo mesmo e com o mundo. Para Bourdieu (1991), essa mediação é possível por meio de uma apropriação reflexiva do saber das ciências sociais que permite descobrir o social no coração do particular; o impessoal escondido no mais íntimo, o universal no interior do

mais profundo particular. Assim, a escrita de si pode constituir como um dispositivo pedagógico emancipatório para formação docente.

REFERÊNCIAS

BEAUD, Stéphane; AMRANIA, Younes. **Pays de malheur!** Un jeune de cité écrit à un sociologue. Suivi de Des lecteurs nous ont écrit, La Découverte, coll. La Découverte/Poche, 2005.

BECKER, Howard. A história de vida e o mosaico científico. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. Reuni: reestruturação e expansão das universidades federais – diretrizes gerais. Documento elaborado pelo grupo assessor nomeado pela Portaria no. 552 SESu/MEC, de 25 de junho de 2007, em complemento ao art. 1º, § 2º, do Decreto Presidencial no. 6.096, de 24 de abril de 2007. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf> . Acesso em: 19 dez. 2021.

BOURDIEU, Pierre. Introduction à la socioanalyse. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 90, décembre 1991. La souffrance. pp. 3-5. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1991_num_90_1_2991 Acesso em: 19 dez. 2021.

BRETON, Hervé. “Investigação narrativa: entre detalhes e duração”. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**. Disponível em: https://revista.ufr.br/rep/article/view/e20201/pdf_1

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão Social- uma crônica do salário**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2010.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber** - Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

COULON, Alain. **A Condição de Estudante- A entrada na vida universitária**. EDUFBA, Salvador, 2008.

COULON, Alain. O ofício do estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n.4, p. 1239-1250, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Y8zKhQs4W7NYgbCtzYRP4Tb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 19 dez. 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Da condição à sociedade biográfica. **Educar em Revista** [online]. 2021, v. 37. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.77147>. Acesso em: 19 dez. 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KAKPO, Séverine; LEMÊTRE, Claire. Auto-socioanálise: uma ferramenta a serviço da democratização da universidade? Retorno crítico sobre uma experiência pedagógica.

Revista Linhas. Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 144-164, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723821452020144>. Acesso em: 19 dez. 2021.

GAULEJAC, Vincent. **As origens da vergonha.** São Paulo: Via Lettera, 2006

LETOURNEUX, Frédérique; MENGNEAU, Juliette; MESCLON, Anna; VERON, Daniel. Pensar um sucesso alternativo na universidade – Reclassificar experiências de professores e de estudantes com base na auto-socioanálise. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 21, n. 45, p.233-259, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5965/1984723821452020233> Acesso em: 19 dez. 2021.

MILLS, Wrigth. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

PEREIRA, Daniella de Almeida. “FAZENDO O IMPOSSÍVEL”: o sobre-esforço juvenil diante das desigualdades e a potência dos cursinhos populares. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência – Promestre – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, 142 f., 2021.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. **Família & escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PRATES, Antonio Augusto Pereira; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. A expansão e as possibilidades de democratização do ensino superior no Brasil. **Caderno CRH,** Salvador, v. 28, n. 74, p. 327-339, Maio/Ago. 2015.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa; SCHLEGEL, Rogerio. Estratificação horizontal da educação superior no Brasil (1960 a 2010). In: ARRETCHE, Marta (Org.). **Trajетórias das desigualdades:** como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais.** Rio de Janeiro: Zahar; 1979.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem.** Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares – Algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. **Família & escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

YOUNG, Michael. Para quê servem as escolas? **Educ. Soc.,** Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GshnGtmcY9NPBfsPR5HbfjG/?lang=pt>. Acesso em: 19 dez. 2021.